

"Ninguém terá deixado de observar que frequentemente o chão se dobra de tal maneira que uma parte sobe em ângulo reto com o plano do chão, e logo a parte seguinte se coloca paralela a esse plano, para dar passagem a uma nova perpendicular, comportamento que se repete em espiral ou em linha quebrada até alturas extremamente variáveis"

CASA 2022 | Chão: Superfície e Interface | WORKSHOP Ana Neiva + João Nuno Gomes ESCADAS MONUMENTAIS – CIRCULAÇÃO HABITÁVEL – SUPERFÍCIE DESDOBRADA

A partir do tema geral lançado por esta edição do CASA – Chão: Superfície, Interface – o projeto questiona as suas comuns assunções e pretende discutir múltiplas dimensões e interpretações para além das primeiras imagens que se nos colocam,

Chão sugere primeiramente uma sensação horizontal, estável, segura; suporte a partir do qual se emerge, se floresce, ou se precipita, se esborracha, se finda. Chão que se sucede, verticalmente, gerando sobreposições, coexistências verticais múltiplas, interfaces e plataformas.

Propomos a sua consideração enquanto elemento dinâmico e mutável, dependente de uma estreita relação com o corpo e a sua mobilidade, tal como sugerido por Claude Parent et Paul Virilioⁱⁱ fazendo uso do princípio de *Circulação Habitável*, que explora uma dimensão outra da arquitetura para além dos princípios cartesianos clássicos.

Considerando a existência oblíqua do espaço, e a partir de ideias várias envolvendo transição, passagem, acesso, ligação, ritual, espaço entre, superfície infinitamente desdobrada, o elemento escada acolhe infinitas possibilidades de leitura, interpretação e ocupação. Desdobrando a superfície chão, sequencialmente, e em ritmo constante, constrói-se um elemento de articulação, funcionalmente indispensável, capaz de acolher e de representar dimensões culturais e simbólicas infinitas.

O campo escolhido para o desenvolvimento destas questões é a grande escadaria de Coimbra – as Escadas Monumentais –, contentor histórico e emocional da cidade.

Para além de elemento urbano articulador de duas realidades, de duas *idades*, As Escadas Monumentais (projeto de Cottinelli Telmo e Luís Cristino da Silva 1942-1969) são síntese da personalidade topográfica estruturante de Coimbra, Marco arquitetónico, político e temporal de conceções políticas, sociais e urbanas, palco da vitalidade da cidade e dos seus rituais, a

escadaria é, simultaneamente, **uma porta para a cidade alta desdobrada numa extensíssima superfície,**

Propõe-se refletir sobre as potencialidades da sua ocupação, sobre a habitabilidade desta superfície inclinada, paradoxalmente construída pela sucessão rigorosa de planos horizontais e verticais, avançando um programa que explore e evidencie a sua valência enquanto espaço central à vida da Cidade de Coimbra.

Ocupar os patamares intermédios, expandir e distorcer a linearidade da subida, transformar a rigidez rítmica do seu desenho, programar, instalar, expandir a sua área, rearticular outras superfícies, assinalar ou simbolizar, inverter, anular? Múltiplas serão as possibilidades de ler a pré-existência e construir a partir dela uma nova superfície, é este o desafio,

"... Para subir uma escada começa-se por levantar aquela parte do corpo situada embaixo à direita, quase sempre envolvida em couro ou camurça, e que salvo algumas exceções cabe exatamente no degrau. Colocando no primeiro degrau essa parte, que para simplificar chamaremos de pé, recolhe-se a parte correspondente do lado esquerdo (também chamada pé, mas que não se deve confundir com o pé já mencionado), e levando-se à altura do pé faz-se que ela continue até colocá-la no segundo degrau, com o que neste descansará o pé, e no primeiro descansará o pé. (Os primeiros degraus são os mais difíceis, até se adquirir a coordenação necessária. A coincidência de nomes entre o pé e o pé torna difícil a dxeplicação. Deve-se ter um cuidado especial em não levantar ao mesmo tempo o pé e o pé.) Chegando dessa maneira ao segundo degrau, será suficiente repetir alternadamente os movimentos até chegar ao fim da escada. Pode-se sair dela com facilidade, com um ligeiro golpe de calcanhar que a fixa em seu lugar, do qual não se moverá até o momento da descida."ⁱⁱⁱ

"Instruções para subir uma escada", por Júlio Cortazar

Ana Neiva e João Nuno Gomes

ⁱ Cortázar, J. (1962): Instrucciones para subir una escalera. En Historias de Cronopios y de Famas. Alfaguara. Madrid (1996).

ⁱⁱ "Architecture Principle. Texts from the manifesto-magazine" in Johnson, Pamela (ed.). The Function of the oblique. The architecture of Claude Parent and Paul Virilio 1963-1969. London: The Architectural Association, 1996. 65-71

ⁱⁱⁱ Cortázar, J. (1962): Instrucciones para subir una escalera. En Historias de Cronopios y de Famas. Alfaguara. Madrid (1996).



COIMBRA
ARCHITECTURE
SUMMER
WELLIER

SURFACE
GROUND

INTERFACE

CASA
2022
CASA

SUPERFÍCIE DESDOBRADA

ANA NEIVA + JOÃO NUNO GOMES

"Ninguém terá deixado de observar que frequentemente o chão se dobra de tal maneira que uma parte sobe em ângulo reto com o plano do chão, e logo a parte seguinte se coloca paralela a esse plano, para dar passagem a uma nova perpendicular, comportamento que se repete em espiral ou em linha quebrada até alturas extremamente variáveis"

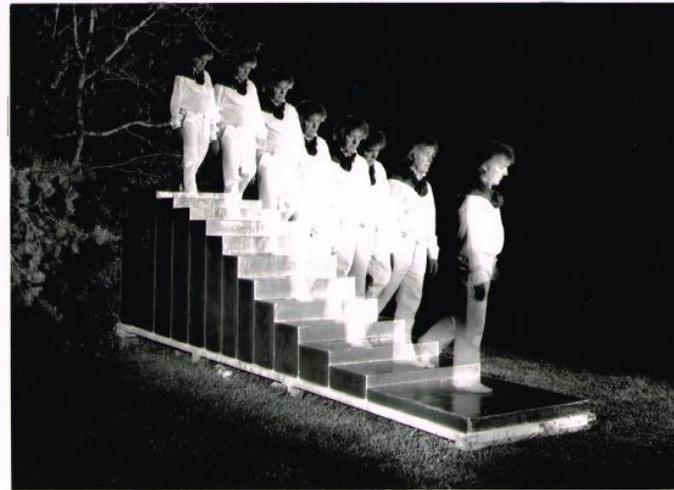
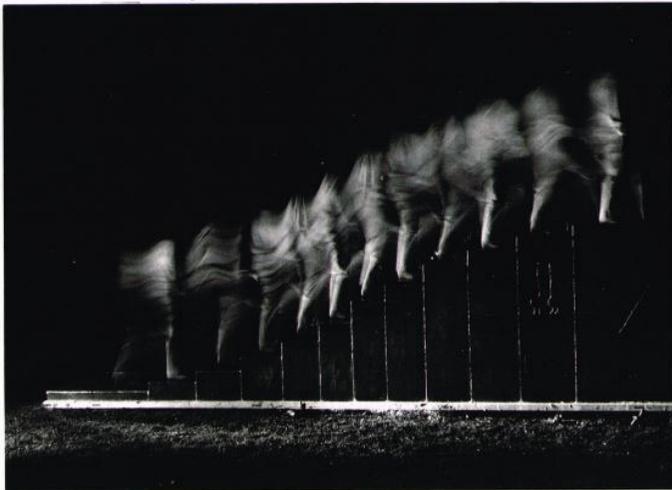
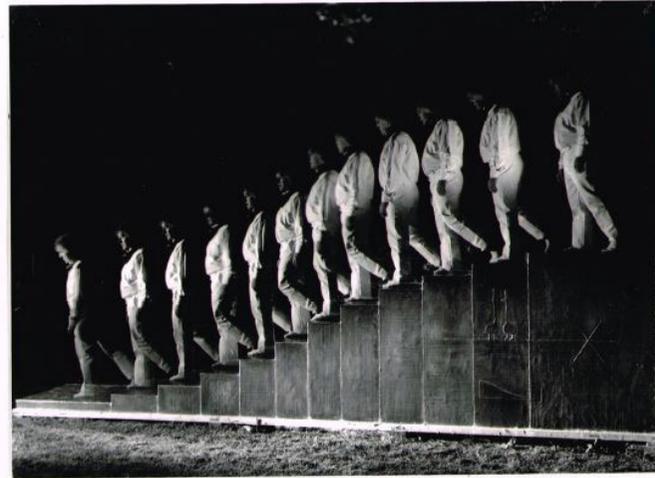
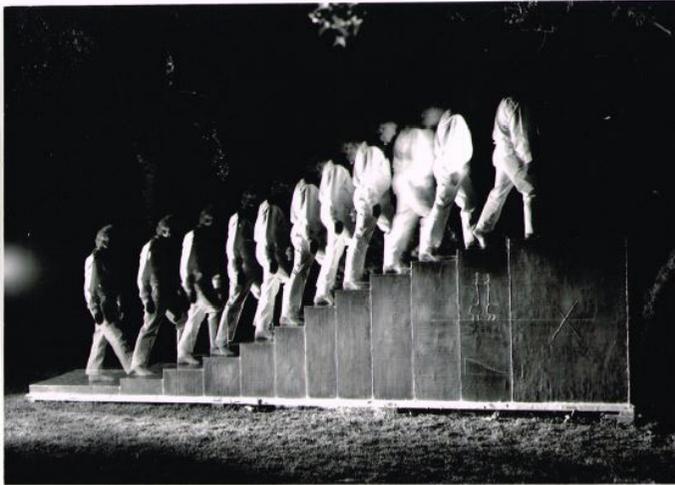
Cortázar, J. (1962): Instrucciones para subir una escalera. En Historias de Cronopios y de Famas. Alfaguara. Madrid (1996).

"No one will have failed to observe that the ground frequently bends in such a way that one part rises at right angles to the plane of the ground, and soon the next part stands parallel to that plane, to give way to a new perpendicular, a behaviour which repeats itself in a spiral or broken line to extremely variable heights."

“... Para subir uma escada começa-se por levantar aquela parte do corpo situada embaixo à direita, quase sempre envolvida em couro ou camurça, e que salvo algumas exceções cabe exatamente no degrau. Colocando no primeiro degrau essa parte, que para simplificar chamaremos de pé, recolhe-se a parte correspondente do lado esquerdo (também chamada pé, mas que não se deve confundir com o pé já mencionado), e levando-se à altura do pé faz-se que ela continue até colocá-la no segundo degrau, com o que neste descansará o pé, e no primeiro descansará o pé. (Os primeiros degraus são os mais difíceis, até se adquirir a coordenação necessária. A coincidência de nomes entre o pé e o pé torna difícil a explicação. Deve-se ter um cuidado especial em não levantar ao mesmo tempo o pé e o pé.) Chegando dessa maneira ao segundo degrau, será suficiente repetir alternadamente os movimentos até chegar ao fim da escada. Pode-se sair dela com facilidade, com um ligeiro golpe de calcanhar que a fixa em seu lugar, do qual não se moverá até o momento da descida.”

Cortázar, J. (1962): Instrucciones para subir una escalera. En *Historias de Cronopios y de Famas*. Alfaguara. Madrid (1996).

Bewegungsstudie Treppe $\frac{1}{2}$ Geschoss 11 Stg. höhe 158



Werner Bäuml-Laurin (1992-95)



Chand Baori
India, 800-900



Giuseppe Momo, Palácio do Vaticano (1932)



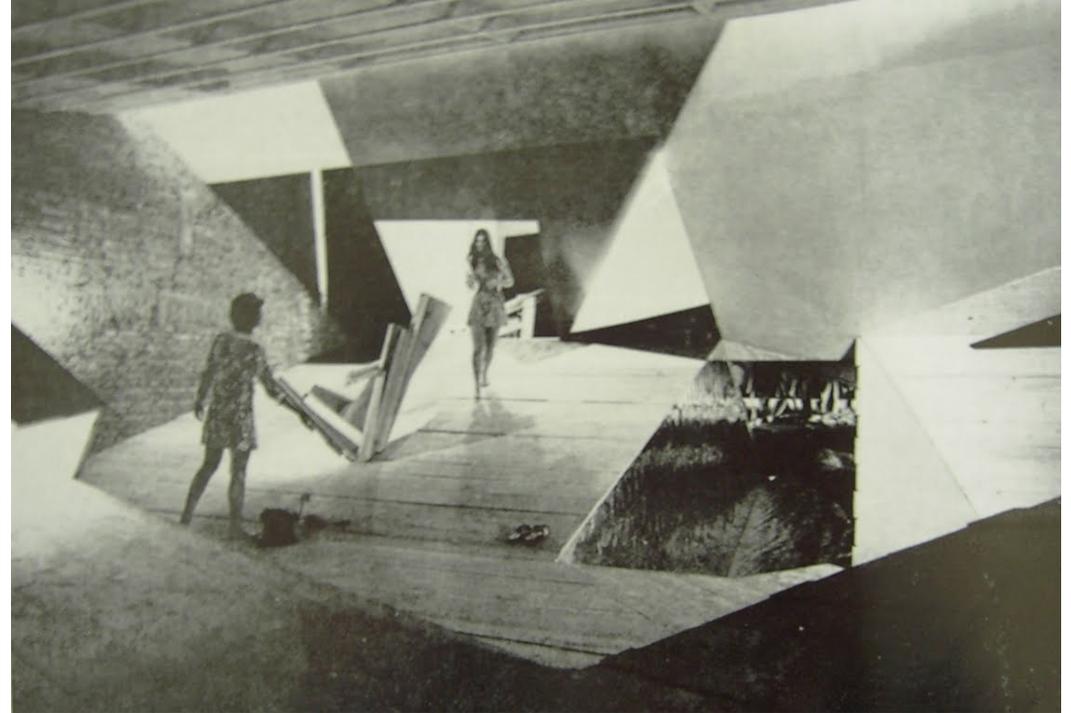
COIMBRA
ARCHITECTURE
SUMMER VELLIER

SURFACE
GROUND
INTERFACE
2022
CASA
CASA

CIRCULAÇÃO HABITÁVEL

SU... DE SDO...

ANA NEIVA + JOÃO NUNO GOMES



Pavilhão da França, Bienal de Veneza 1970
Claude Parent



Coleção "Architecture Principe"

Claude Parent, Paul Virilio, 1966



CL. PARENT P. VIRILIO

architecture principe

LA FONCTION OBLIQUE

Chaque époque possède sa définition spatiale.

Une définition spatiale, c'est le système de références géométriques dans lequel une société s'accomplit.

Ce système est sous-jacent à son organisation sociale et politique, à son développement économique, à ses conceptions philosophiques ou religieuses, d'où sa grande persistance. C'est sur cette structure originelle que reposent les bases du « droit » et les différents types d'appropriation, et ceci aussi bien au niveau des individus qu'au niveau de populations entières, les relations sociales étant effectivement déterminées par cette définition spatiale.

Si bien qu'avant de traiter des problèmes de l'urbanisme, de l'architecture ou simplement du mobilier, nous nous devons de remonter à ce substrat géométrique primaire en le débarrassant des équipements idéologiques provisoires qui le dissimulent à notre conscience.

Dans les faits, la plupart des pseudo-révolutions dans le domaine construit n'ont été finalement qu'une série d'extrapolations sur d'anciennes structures spatiales remontant au XV^e siècle et souvent bien au-delà.

Quelle différence fondamentale y a-t-il, en effet, entre les grandes cathédrales gothiques et les buildings de SULLIVAN ?

Quelle originalité profonde y a-t-il entre les maisons de rapport du XVIII^e siècle et les immeubles de MIES VAN DER ROHE ou de LE CORBUSIER ?

Une dimension supérieure, des matériaux différents, un ascenseur, mais ceci est absolument insuffisant pour modifier l'espace vécu des utilisateurs. La définition spatiale demeure identique, elle a survécu jusqu'ici à toutes nos tentatives, y compris celles du FONCTIONNALISME et de l'école ORGANIQUE.

L'impuissance à se survivre des vieilles cités, la lamentable médiocrité des villes-satellites et notre incapacité à maîtriser l'expansion urbaine nous révèlent pourtant la déchéance et la mort de cette structure archaïque.

Une telle prise de conscience nous contraint à la recherche fondamentale, non plus seulement à l'architecture appliquée mais à l'architecture théorique, ce qui doit nous conduire à étudier, parallèlement à l'histoire de l'architecture, l'histoire de ce que nous pourrions appeler les ORDRES URBAINS, où urbanisme et architectonique ne seraient plus considérés comme la fixation d'un mode d'appropriation spatiale, que comme la cristallisation d'une structure mentale spécifique.

Dans un premier temps, l'ORDRE URBAIN VERTICAL révéla la conquête d'un espace aérien, à la fois abstrait et mythique, où l'idée d'une hiérarchie sociale d'essence militaire, puis religieuse, intégrait étroitement élévation et domination.

Ce DEUXIEME ORDRE URBAIN, dans lequel nous vivons encore et qui s'est répété depuis le Moyen Age jusqu'aux géantes métropoles

modernes, est essentiellement fondé sur la « clôture » et le « rempart », c'est-à-dire sur l'obstacle insurmontable, qu'il soit au niveau politique « classe sociale » ou au niveau de l'architecture « façade sur rue ». Autant le premier ordre urbain HORIZONTAL était naturel et physiquement praticable, autant le second, le VERTICAL, est artificiel et finalement impraticable.

Il crée une discontinuité dans les relations sociales par la rupture profonde qu'il établit entre l'HABITATION et la CIRCULATION, au point d'avoir transformé, grâce aux superstructures, une dimension spatiale en « moyen de stockage ».

Ce rapide survol historique des deux grandes périodes de l'urbanisme nous montre à quel point la verticalité a conditionné, depuis l'époque médiévale, le domaine construit, en particulier celui de l'habitation.

Mais cette seconde définition spatiale est désormais entrée en décadence, sa faillite est la cause anonyme de notre impuissance à réaliser la ville nouvelle. Tant que nous nous refusons à admettre l'échec de l'orthogonalité, nos tentatives seront inutiles et sans effet. Si, finalement, les premières générations d'architectes de l'âge industriel ont échoué, c'est qu'elles ont méconnu l'importance de ce problème apparemment si primaire.

Nous allons tenter maintenant d'apercevoir autour de nous, dans le dynamisme excessif de la société moderne, dans les paroxysmes et les crises qui la secouent et l'ébranlent, l'apparition des premiers signes d'une définition spatiale originale, capable de transformer la situation alarmante de l'urbanisation contemporaine. L'un des faits majeurs à constater est, depuis la seconde guerre mondiale, le développement vertigineux de l'infrastructure circulaire opposée à la structure habitable.

Sur le plan qualitatif d'abord, puisque, d'ici la fin du siècle, nous devons doubler sur la planète la surface d'habitation et quadrupler la surface de circulation.

Sur le plan qualitatif aussi, car la géométrie propre à la circulation, incapable de s'intégrer à la géométrie archaïque de l'habitat, est en train de détruire la ville.

En analysant fondamentalement ce conflit, nous nous apercevons que c'est en réalité celui d'une surface d'utilisation affrontée à un mode d'élévation qui fait obstacle à la mobilité, à l'usage continu et permanent des territoires tel que l'exigent, d'une part, la vitalité des sociétés modernes et, d'autre part, un accroissement démographique irréversible.

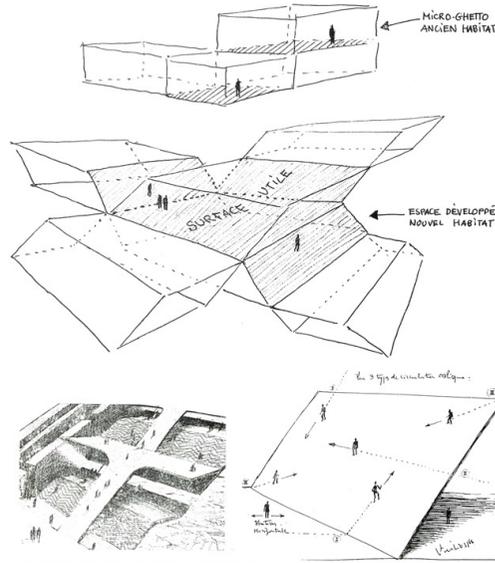
Il est donc évident que c'est par l'établissement d'un nouveau mode d'élévation pour l'habitation que sera rendue possible la création d'un TROISIEME ORDRE URBAIN, capable de réaliser la future cité.

Le plan incliné représente ce principe géométrique de base. Généré dans le monde géologique, dans la nature qui nous supporte, nous l'employons depuis fort longtemps dans des constructions de toutes sortes et nous le fixons dans l'acoustique, l'hydraulique ou dans les ouvrages de franchissement (ponts, échangeurs), où ce mode d'élévation en continuité est largement utilisé.

LA FONCTION OBLIQUE EST DONC UNE REALITE TANGIBLE. RESTE JUSQU'ICI INFORMULEE AU NIVEAU DE L'HABITATION.

A.A. 139

A.A. 139



Ce mode d'élévation et de répartition de l'espace permet d'isoler des volumes habitables sans créer d'obstacles insurmontables, sans « cloisonner » au sens de la clôture et du rempart, il intègre à l'habitation la circulation, alors que le mode d'élévation vertical décomposait ces deux usages par l'adjonction du corps étranger qu'est un escalier.

Imaginons un instant que les cloisons verticales de notre appartement actuel s'inclinent assez pour nous permettre de les gravir, la surface utile qui se limitait au plan horizontal serait prolongée jusqu'à la sous-face, jusqu'au plafond.

Sur le plan technologique, il est également plus rationnel de répartir les charges en poussées diagonales, que d'établir celles-ci en équilibre perpendiculaire au sol. Le pesanteur s'intègre positivement à l'architectonique, l'effet de poids neutralisé dans la construction verticale reprend la fonction profonde que les architectes et les ingénieurs des ouvrages d'art n'ont cessé de lui accorder et que, paradoxalement, le domaine de l'habitation lui a toujours refusé, depuis les insulaires romaines jusqu'aux buildings.

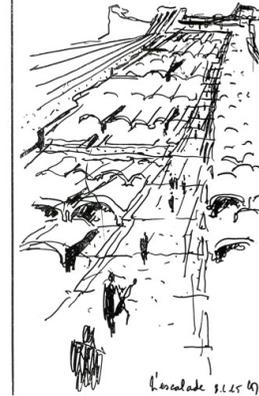
Ainsi nous nous apercevons que l'objection majeure apportée à l'usage de l'oblique et de la rampe dans la construction d'habitation est avant tout subjective.

Pourquoi n'avons-nous jamais utilisé le plan incliné dans la structure habitable ?

Tout simplement parce qu'il semble recuser le CONFORT de l'habitant.

Parce que, pour notre conscience immédiate, ce qui penche s'identifie automatiquement à ce qui va tomber, c'est l'image de l'instabilité et de l'imminence d'un danger de chute.

Nous voyons donc clairement que la transformation indispensable des sociétés urbaines



est littéralement bloquée par un tabou au sens archaïque du terme.

La soumission à l'idée de stabilité et d'équilibre vertical est encore absolue en architecture, alors que dans des domaines comme ceux de la philosophie ou des théories économiques, ce vocabulaire est depuis longtemps dépassé au profit de l'idée de transfert, de déplacement et donc d'instabilités successives ; ceci est sensible dans les méthodes de la Civilisation Industrielle, dans ses nouveaux moyens de transport qui ont acquis suspension aérienne et bien-être apesanturi.

La permanence de la stabilité n'est finalement que l'image de l'homme mentalement soumis au magnétisme terrestre. Désormais cette figure est anachronique, elle ne peut plus qu'encombrer notre imagination.

L'ESPACE EST UNE FORME DE CONSCIENCE. Ce, le confort est une forme particulière de conquête de l'espace qui explique les différents modes de vie, par exemple entre l'Orient et l'Occident ou dans le temps entre le monde romain et le monde contemporain, et ceci est tout particulièrement sensible au niveau du mobilier comme dans les attitudes physiques qu'il a déterminées ; la société occidentale et la position assise, l'orientale et la position semi-allongée, la société romaine et la position accroupie, etc.

L'utilisation des plans inclinés à l'intérieur des habitations doit être considérée dans cette perspective et non comme un nouvel « exercice de style » participant d'un système d'avant-garde.

Tout ceci devrait nous pousser à rechercher, dans les éléments architectoniques eux-mêmes, une originalité que nous avions reconnue jusqu'ici au niveau de l'ornemental essentiellement.

Cette conception nous révélerait que les différentes parties constituantes de la construction ont été tour à tour « actualisées » au cours de l'histoire, chaque époque mettant en valeur, en relief, un élément architectonique privilégié, par exemple :

LES PORTEURS dans l'Antiquité, LE TOIT au Moyen Age,

LA FAÇADE à partir du XVII^e siècle.

Je suis persuadé que, dans l'avenir, l'élément architectonique prépondérant ne sera plus cette FAÇADE ni de nouveau le TOIT, comme pourraient l'indiquer les récentes recherches sur les structures tridimensionnelles, sur les voiles tendues ou sur les structures gonflables, mais bien le NIVEAU, le sol.

Les nécessités d'usage et d'économie vont amener au premier plan cet élément jusqu'ici dissimulé et sans prestige, depuis les toitures-terrasses jusqu'au mur-rideau l'évolution est constante, elle découle progressivement du plancher.

Il y a plusieurs raisons à cela ; le niveau est d'abord le moyen propre à l'architecture de spatialiser son contenu, il est, d'autre part, le plus matériel des éléments, la surface utile.

Le renouvellement fondamental apporté par la « fonction oblique » à l'architectonique comme à l'urbanisme va également se répercuter sur l'industrie du meuble comme en général sur tout objet produit. Le mobilier de nos habitations actuelles participe étroitement au monde vertical de l'obstacle insurmontable, il encombre de façon plus ou moins harmonieuse notre espace utile déjà si restreint.

La révélation du niveau par l'oblique va nécessiter une nouvelle philosophie de l'aménagement, tout ce qui s'élevait entre l'homme et son mouvement, que ce soient les cloisons verticales ou les chicanes du mobilier, va disparaître.

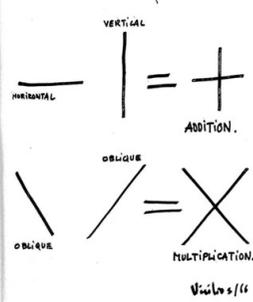
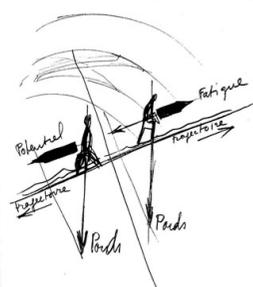
Le mobilier sera devenu praticable, parcourable, en s'intégrant à la surface de vie.

Cet espace en recourci du principe de la FONCTION OBLIQUE aura permis, malgré son manque de développement, l'approche du grand problème contemporain.

L'invention d'une organisation spatiale nouvelle, d'une géométrie sociale originale.

Il n'y a eu dans le monde moderne qu'une révolution véritable ; la révolution industrielle. La seconde sera nécessairement « LA REVOLUTION URBAINE », faute de quoi notre civilisation ne pourra se survivre.

CL. PARENT et P. VIRILIO.



La fonction oblique
Claude Parent, Paul Virilio, 1966

ESCADAS MONUMENTAIS



Rio Mondego

Loja de Cidadão de Coimbra

Sé Nova de Coimbra
Igreja católica de arquitetura notável

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Colégio de Jesus

Museu de Arte Etrúscas de Coimbra

Biblioteca Geral

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Departamento de Arquitectura

Real Colégio das Artes e Humanidades

Unidade de I&D Química, Física, Molecular

Colégio de São Jerónimo

Faculdade de Psicologia e de Ciências da...

Departamento de Matemática da...

Divisão de Relações Internacionais...

Centro de Estudos Sociais da...

Departamento de Ciências da Vida...

Parque P2 da Univ. Coimbra

Casa da Lusofonia International Student...

Museu Botânico (Museu de História Natural)

Núcleo de Alojamentos



Exposição "Os anos 40 na arte portuguesa", 1982. Foto de Mário Novais, 1982. Fonte: Coleção Estúdio Mário Novais. Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003.023783. Constantino, Susana. Coimbra e o valor identitário da retóricado Estado Novo. dearq 21. CIUDAD, LITERATURA Y ARQUITECTURA EN PORTUGAL. Diciembre de 2017. ISSN 2011-3188. E-ISSN 2215-969X. Bogotá, pp. 64-75.

ESCADAS MONUMENTAIS 1942-1969

Cottinelli Telmo e Luís Cristino da Silva



© Varela Pécorto

Constantino, Susana. Coimbra e o valor identitário da retórica do Estado Novo. *dearq* 21. CIUDAD, LITERATURA Y ARQUITECTURA EN PORTUGAL. Diciembre de 2017. ISSN 2011-3188. E-ISSN 2215-969X. Bogotá, pp. 64-75.

ESCADAS MONUMENTAIS 1942-1969

Cottinelli Telmo e Luís Cristino da Silva



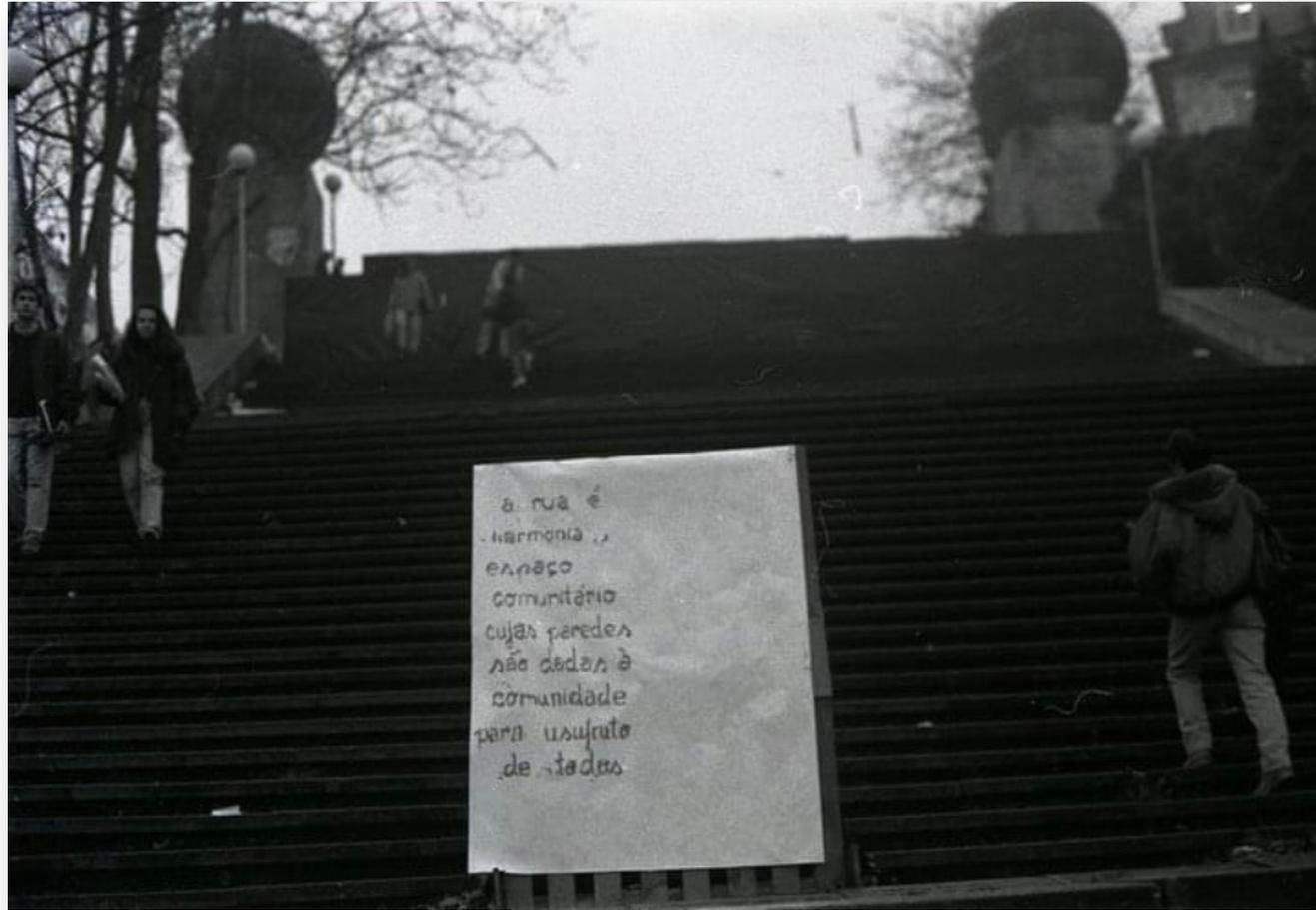
**Demolições durante a construção da Cidade Universitária de Coimbra. 1943/1944.
Escadas do Liceu**



Manifestação de estudantes em 1969 em Coimbra© Arquivo DN



???



???



???



???



Campanha Legislativa da CDU, 2011 “Nem propinas/Nem Bolonha/Mais bolsas!/Leva a luta até ao voto!”



Manifestação de Estudantes, Coimbra, Dezembro 2020



COIMBRA
ARCHITECTURE
SURFACES
GROUND
INTERFACES
CASA
2022

JOIN US!

ANA NEIVA + JOÃO NUNO GOMES

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Biblioteca Geral

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Centro de I&D Química Molecular

Departamento de Matemática da...

Departamento de Ciências da Vida

Casa da Lusofonia International Student...

Museu Botânico (Museu de História Natural)

Rio Mondego

Loja de Cidadão de Coimbra

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Sé Nova de Coimbra Igreja católica de arquitetura notável

Colégio de Jesus

Departamento de Arquitectura

Real Colégio das Artes e Humanidades

Museu de Arte Etrúscica de Coimbra

Colégio de São Jerónimo

Faculdade de Psicologia e de Ciências da...

Divisão de Relações Internacionais

Centro de Estudos Sociais da...

Parque P2 da Univ. Coimbra

Núcleo de Alojamentos